

**“Sentidos de movimento estudantil”:
Notas sobre a história social, imprensa e memórias na produção de percepções sobre o
movimento estudantil.**

Andrey Lopes de Souza *

RESUMO: A história social tem se preocupado cada vez mais com o tratamento metodológico atribuído as fontes. Desse modo, instigados pela história social, buscamos analisar a imprensa, dentre outras fontes, como práticas sociais que expressam relações sociais urdidas em um enredo que atribui sentido ao viver na cidade. Elegemos o movimento estudantil universitário em Montes Claros-MG nos anos 1980 para descortinar os discursos construídos pela imprensa que, a nosso ver, constrói sentidos do que vem a ser o movimento. Algumas práticas estão dando sentido a outras e produzindo memórias e conceitos das experiências de sujeitos sociais.

PALAVRAS CHAVES: História Social, Movimento estudantil, imprensa e Montes Claros.

**“Sense of student movement”:
Notes on social history, media and memories in the
production of perceptions about the student movement.**

Abstract: The social history has become increasingly concerned with the treatment given the methodological sources. Thus, encouraged by social history, we examine the press, among other sources, such as social practices that express social relations woven into a plot that gives meaning to live in the city. Elected the university student movement in Montes Claros-MG in the 1980s to uncover the discourses constructed by the press that, in our view, builds meanings of what is to be the movement. Some practices are giving way to other concepts and producing memories and experiences of people in society.

Keys Word: Social history, student movement, press e Montes Claros.

A história social tem se preocupado cada vez mais com o tratamento metodológico atribuído as fontes. Por isso, amparados pelos seus preceitos, encaramos as fontes, dentre elas a imprensa, como práticas sociais que expressam relações sociais urdidas em um terreno e enredo comum em que os sujeitos vivem. A imprensa teve grande destaque como fonte utilizada na maioria da produção acadêmica que consagrou o tema movimento estudantil. Dentre os trabalhos que elegeram a imprensa para analisar o movimento estudantil brasileiro, está “1968: o diálogo é a violência”, da autora Maria Ribeiro do Valle, publicado em 1999. Neste trabalho, a autora utilizou apenas a imprensa, para traçar o que ela chamou da constante procura, por parte dos periódicos que circularam no período da ditadura, pelos reais culpados pelo clima de repressão existente. Após pesquisa nos jornais cariocas, a autora constatou que,

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU na Linha de Pesquisa “Trabalho e movimentos sociais”. Orientadora: Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcellos. Coordenador de laboratório do Centro Vocacional Tecnológico-CVT de Jaíba, com bolsa pelo CNPq.

enquanto a Revista Visão afirmou que a culpa da violência era da polícia que agiu de forma autônoma isentando os militares da responsabilidade, o Jornal Correio da Manhã enfatizou que a culpa era da ditadura (VALLE, 1999). Fruto de uma dissertação em Ciências Sociais, o livro indica posicionamentos distintos dos periódicos que a autora descreveu. Não devemos deixar de pontuar um avanço na produção acadêmica sobre o movimento estudantil até então. No entanto, mesmo assim, destacamos que é preciso avançar nesse debate, principalmente no que tange o tratamento atribuído à imprensa pelas análises formuladas sobre o movimento estudantil brasileiro. A maioria dos pesquisadores que escolheram o tema movimento estudantil elegeu o ano de 1968 como um marco, afinal, como bem foi divulgado pela imprensa da época e reforçado na atualidade, esse é o “divisor de águas” ou “os anos de ouro” dos estudantes. Sendo que os periódicos consultados pela maioria dos trabalhos foram geralmente os mesmos, a saber, a grande imprensa paulista e carioca, como o Jornal Correio da Manhã, a Revista Visão, dentre outros.

Os debates acerca da imprensa tomaram rumos diferentes e essa produção acadêmica sobre o movimento estudantil precisa ser inquirida, pois ela não deixa de ser uma produtora de memória que, por conseguinte, interpretou relações sociais e construiu teorias sobre experiências de sujeitos sociais. Maria Ribeiro do Valle indicou diversos posicionamentos da imprensa carioca quanto à repressão impetrada ao movimento estudantil. Mesmo assim, devemos pensar que a correlação de forças existente na relação entre ditadura militar, estudantes e, porque não afirmar, a imprensa, no campo da história, indica um horizonte de possibilidades. Devemos submergir nos meandros das relações sociais urdidas nas redações dos periódicos locais e nas cidades, e ler uma realidade construída nas páginas da imprensa que, apesar de almejar construir um discurso linear e homogêneo, oferece amostras de compromissos, interesses, fissuras e deslizamentos de propostas que defendem.

A imprensa, como bem advertiu Laura Antunes Maciel, procura nomear e encerrar processos de acordo interesses que defende e grupos que representa. O historiador precisa tomar cuidado com os procedimentos utilizados para lidar com as fontes, não as tornando um espelho ou expressão imediata da realidade. A análise da fonte é que em último caso deve oferecer subsídios para a formulação de conclusões. Desse modo, a imprensa deve ser encarada “como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais”. (MACIEL, 2004, p.12).

A pouca atenção à análise da imprensa como prática social que expressa relações sociais em um jogo constante de negociação e conflito, aproximações e deslocamentos,

somados ao privilégio atribuído a memórias que mostram as mesmas greves, manifestações de rua, palavras de ordem e líderes estudantis, atribui determinados sentidos e constrói significados do que vem a ser o movimento. Algumas práticas estão dando sentido a outras e construindo significados do que vem a ser o movimento estudantil. Ou seja, memórias ora em acordo, ora em disputa estão construindo conceitos do que é o movimento estudantil no terreno das relações sociais nas cidades. Portanto, o que esta pesquisa tem buscado é a visualização e a compreensão de quais são as mediações nas relações entre os jornais, as lideranças estudantis, os estudantes de modo geral, as lideranças políticas e outros sujeitos sociais na cidade de Montes Claros-MG nos anos 1980.

Nos jornais que circularam na cidade de Montes Claros¹ nos anos 1980 percebemos nuances de uma disputa que parece sutil, no entanto, muitas vezes nomeia e determina processos históricos. No Jornal do Norte², os títulos das manchetes, nos parecem ser um indicativo interessante para analisarmos como se dá essa disputa no âmbito da imprensa. Nas notícias, em sua maioria, o presidente da entidade aparece para publicizar e avaliar o movimento. Uma realidade é direcionada para ser lida a partir de discursos de um grupo. Ao longo do período entre 1982 e 1987, os títulos das notícias afirmam: “Dia dos estudantes lembrados pelo DCE mediante manifesto”³; “DCE quer permanência do presidente da UNE”⁴; “DCE pretende fazer concentração gigantesca com Teotônio Vilela”⁵; “Presidente do DCE quer seu antecessor prestando contas”⁶; “Faculdades se preparam para Olimpíadas do DCE”

¹Montes Claros é uma cidade pertencente ao norte de Minas Gerais que, nos anos 80, possuía quatro faculdades particulares, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras-FaFil, a Faculdade de Direito-FaDir, a Faculdade de Medicina-FaMed e a Faculdade de Administração e Finanças-FaDec que, reunidas, formavam a Fundação Norte Mineira de Ensino Superior-FUNM. Cada faculdade possuía um Diretório Acadêmico-DA que representavam os universitários no âmbito de cada faculdade, sendo que o Diretório Central dos Estudantes-DCE, era o órgão máximo de representação estudantil universitária. Ao longo dos anos 80 a maior luta dos universitários era pela federalização ou estadualização da FUNM, hoje Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, que ocorreu no início dos anos 90.

²O Jornal do Norte, hoje extinto, é conhecido na cidade por ter sido ligado ao então vereador de Montes Claros, Luiz Tadeu Leite, e ao MDB, partido de oposição à administração local; sendo que o Jornal Diário de Montes Claros representaria a gestão que estava na prefeitura até o ano de 1982 (ano da eleição de Tadeu Leite para prefeito da cidade). Não obstante, essas idéias pouco nos podem dizer sobre as relações construídas entre o movimento e a imprensa montesclareense. Independente dessas idéias, os jornais pertenciam à elite montesclareense, embora a mesma estivesse dividida nesse momento por interesses políticos.

³ APAMF. Jornal do Norte, 19 de agosto de 1982, p.03. Grifo nosso.

⁴ APAMF. Jornal do Norte, 20 de junho de 1982, p.01.

⁵ APAMF. Jornal do Norte, 06 de abril de 1983, p.03.

⁶ APAMF. Jornal do Norte, 04 de outubro de 1983, p. 03.

⁷; “DCE comemora êxito dos XI Jogos universitários” ⁸; “DCE participa dos Jogos mineiros”
⁹; “DCE quer ver quem são os marajás” ¹⁰; “DCE já iniciou a greve branca” ¹¹.

Nas chamadas para as notícias, os verbos em grande parte estão na voz ativa revelando um teor imperativo, quando afirmam: o DCE quer ver, iniciou, pretende fazer e outros. As repetições percebidas, principalmente o *quer*, são indícios de como os sentidos de movimentos são construídos. O interessante é que, quando a entidade organiza um evento, eleição, manifestação ou tece alguma crítica, é o nome do diretório que aparece no título da notícia, evidenciando seu papel na defesa dos interesses dos estudantes. Quando o movimento ganha proporções maiores e passa a ser necessário receber aprovação e apoio de algum grupo, os nomes das entidades e presidentes passam a ser substituídos nos títulos das notícias por nomes genéricos, como “estudantes”, “universitários” e “alunos”.

Assim, os estudantes é que são colocados como sujeitos de potência, com desejos e vontades a serem reivindicadas. No título “Universitários podem formar uma comissão para acompanhar projeto”, percebemos um pouco dessa questão, mas, ao fim, a notícia diz respeito aos quatro diretórios acadêmicos da FUNM que se reuniram para formar uma comissão pela luta da federalização ou estadualização da Fundação. Nos títulos “Universitários não aceitam uma interferência política na FUNM” ¹², “Estudantes querem redução nas anuidades” ¹³ e “Estudantes se manifestam em frente prefeitura” ¹⁴, em 1984, 1985 e 1987, respectivamente, o mesmo é percebido. Na verdade, esses estudantes eram ligados às entidades. Os títulos atribuídos às notícias podem ser encarados como mais do que simples estratégias para chamar a atenção dos leitores, mas uma forma de interpretar determinadas relações sociais, bem como o que vem ao caso e como deve ser publicado.

Marilena Chauí nos instiga a pensar questões candentes como estas na medida em que coloca em xeque projetos – de grupos conservadores e progressistas como o CPC da UNE – que se portam como nacional popular, forjam unidades e aprovações, apagando diferenças culturais e construindo conceitos pejorativos e genéricos que engessam as experiências de sujeitos sociais. Como bem alerta: “Desejos, idéias, modos de ser, prática, ações, aspirações, tudo é imputado ao povo e à nação, sem que nenhum deles apareça viva voz”, ou seja, “ um deslizamento do discurso que se apresenta como sobre o povo e a nação, torna-se do povo e

⁷ APAMF. Jornal do Norte, 04 de outubro de 1983, p. 03.

⁸ APAMF. Jornal do Norte, 05 e 06 de novembro de 1983, p. 03.

⁹ APAMF. Jornal do Norte, 19 e 20 de novembro de 1985, p. 05.

¹⁰ APAMF. Jornal do Norte, 23 de abril de 1987, p. 03.

¹¹ APAMF. Jornal do Norte, 13 de maio de 1987, p. 04.

¹² APAMF. Jornal do Norte, 10 de janeiro de 1984, p. 01.

¹³ APAMF. Jornal do Norte, 08 de agosto de 1985, p. 03.

¹⁴ APAMF. Jornal do Norte, 24 de novembro de 1987, p. 07.

da nação, porque discurso de suas vanguardas, e termina como discurso que diz o povo e diz a nação. Destinatários ausentes do texto que os representa, povo e nação são idéias, teses, axiomas e dogmas”. (CHAUI, 1980, p.84).

Nesse sentido, movimento social é um termo complexo que precisa ser problematizado.¹⁵ Como os estudantes universitários da cidade eram representados geralmente pelas entidades estudantis, precisamos problematizar os limites, alcances e possibilidades dessa representação. Com isso, não nos propomos e muito menos coabitamos com a premissa de que um movimento social faz-se a partir de uma entidade institucionalizada, mas que os diversos sujeitos sociais que ela diz representar formulam um emaranhado de valores e posicionamentos contraditórios. Desconfiamos de projetos e ideais universais que se portam como representativos de valores compartilhados na íntegra por um grupo de pessoas a fim de opacizar conflitos sociais. O conceito de movimento social, sem a devida problematização, aparta o conflito e a imprevisibilidade da história, e possibilita o surgimento de teorias que qualificam os sujeitos sociais com denominações a-políticas, que congelam o movimento da história.

Instigados por Williams, acreditamos que todo conceito é um problema que, à luz das evidências transformadas em fontes pelo historiador, precisa ser explicitado em sua historicidade (WILLIAMS, 1979). Ao valer-se do conceito de movimento estudantil, devemos deixar as claras os sentidos que o termo ganha no texto. O termo empregado na escrita deste texto não denota uma simplificação das vivências desses sujeitos a partir de uma idéia de movimento fechado e evidenciado por meio de um repertório de reivindicações específicas quanto ao âmbito educacional. Muito menos circunscrito a um modelo de participação política consagrada por muitos trabalhos da história política tradicional *latu sensu*, a saber, a passeata ou o confronto direto com o poder instituído. Propomos pensar o termo de forma aberta, a partir do suposto de que os estudantes são sujeitos sociais que compõem a cidade, mas que carregam consigo valores específicos e por isso ocupam espaços diversos, apreendendo e interpretando de forma diferenciada o terreno comum compartilhado. Ou seja, a condição de ser estudante é o que os une no que convencionalmente chamamos de movimento estudantil. Optamos por utilizar o termo, pois, a partir de algumas entrevistas, a idéia de engajamento no “movimento estudantil” perpassa as falas dos entrevistados. Por isso, percebemos que, em algum momento, não utilizá-lo seria não levar em conta uma expressão que representa mais

¹⁵ Encarar o movimento estudantil meramente como “sujeitos coletivos”, minimizam a potencialidade dos estudantes enquanto sujeitos sociais. Como afirma Paulo Almeida: “O desafio aqui está em fazer o caminho de volta para o indivíduo, não no seu princípio liberal, mas buscando suas relações ou seus nexos com o social, tentando aprender como são construídas tais relações”. (ALMEIDA, 2004, p.145).

do que uma linguagem empregada por eles, mas que concebe o seu engajamento e identificação enquanto sujeitos de sua história. Na fala de Gy Reis Gomes Brito, presidente do DA-FaFil em 1986, percebemos um pouco dessa questão. “Na época o movimento estudantil era um movimento altamente necessário e muito bem definido ideologicamente, muito claro. Era um verdadeiro movimento estudantil”.¹⁶ Nessa fala, percebemos um pouco dos sentidos que ele quer atribuir ao passado a partir das vivências no presente. Na fala de todos os entrevistados, vez por outra há certa comparação com o presente e uma necessidade recorrente de afirmar: “fiz parte do movimento estudantil”, “o movimento estudantil era forte e presente”, dentre outros.

Em editorial publicado no Jornal do Norte intitulado “Crise na Educação”, assinado pelo presidente do DA-FaFil, em 1980, Miguel Vinícius, nuances de disputas de valores e memórias parecem ganhar fôlego na cidade. Ele tece críticas ao modelo de ensino realizado nas universidades e escolas do Brasil, principalmente aos professores do interior que, por medo, não fogem da estrutura curricular estabelecida pelos órgãos educacionais:

Não estou concitando ninguém à pregação do marxismo-leninismo. Estou, sim, combatendo a pregação da alienação e do capitalismo, que nada mais é do que tentar atrelar os acadêmicos à ideologia vigente no Brasil. Ideologia esta que eu considero escravizante. Na minha opinião, buscando inspirações nos meus poucos conhecimentos adquiridos no cotidiano, acredito que as escolas devam levar seus estudantes a trabalhar mais com a comunidade. A pesquisar, por exemplo, as causas da violência, da fome, dos favelamentos, das reformas partidárias do combate as drogas, do crescimento da corrupção. (...) A educação que a todos devia servir, já se elitizou, tornando-se por isso mesmo, mercadoria de alto valor adquirida por quem detém um bom poder econômico. Agora mesmo, o Brasil inteiro viva seleção brasileira participando do mundialito e retornando ‘cheia de glórias’, quando na realidade, fomos apenas, na minha opinião medíocres. Neste particular, sou da opinião que o governo ao fazer vistas grossas está no seu papel: Quanto mais analfabeto for o povo, mais votos o PDS terá nas eleições...¹⁷

A abertura para que um estudante líder estudantil assinasse editoriais de um periódico indica formas expressivas de negociação e, porque não dizer, de conflito – crítica maquiada ao modelo educacional da ditadura militar. A crítica aos valores capitalistas e à elitização do ensino também revela os meandros de valores alternativos à sociedade da época que, no editorial, está pouco preocupada com a desigualdade social, mas sim em espriar um modelo de educação que contemple interesses de uma elite do país. Uma cidade interiorana no norte de Minas Gerais que possui uma constelação de valores distintos que, por meio de uma correlação de forças, entre negociações e conflitos tensionam as relações do viver a cidade em

¹⁶BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

¹⁷APAMF. Jornal do Norte. 21 de janeiro de 1981, p. 02.

todas as suas dimensões. Dentro de uma cidade percebe-se a existência de várias outras, que disputam espaço, representando desejos e projetos de grupos sociais bem definidos em um constante fazer-se da urbe. A crítica ao PDS revela o intento de questionar o partido representante da elite montesclarenses, realizado por um estudante, notadamente, afinado às idéias esquerdistas.

Ao pesquisar o Jornal do Norte ao longo dos anos 80, rastreamos diversas aparições dos estudantes que transitavam pela cidade, imprimindo os rastros de suas vivências pelos lugares em que passavam. Essas notícias indicam outra(s) cidade(s) diferentes dos representados pelo discurso oficial na atualidade. Memórias alternativas ganham expressividade nas páginas da imprensa que, sendo produzidas pelos estudantes, formulam e projetam o constante fazer-se do movimento estudantil:

Tabela de notícias publicadas no Jornal do Norte referente ao movimento estudantil da cidade de Montes Claros na década de 1980										
Ano	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Notícias										
Entrevista com líderes estudantis	01	X	X	X	X	X	X	X	X	X
DCE	13	11	17	20	09	16	01	29	60	01
DAs	09	16	04	05	06	07	02	03	08	01
Demc/gremios/secundaristas	16	04	01	X	01	01	01	12	09	X
Eventos culturais e esportivos	04	11	12	17	03	12	01	05	09	03
Manifestações Específicas	23	26	04	08	11	15	03	24	08	02
Manifestações não Específicas	04	X	01	01	04	X	02	14	01	X
Movimento estudantil e outros segmentos da sociedade	08	X	02	X	02	X	01	09	02	01
União entidades estudantis diversas	06	21	06	08	02	09	05	24	03	01
Chamadas eleições e posses	07	03	05	04	X	04	X	04	03	X
Questões internas	06	09	01	X	01	01	X	04	04	X
Denúncia a instituições ou pessoas	01	07	09	03	X	01	03	08	02	02
Total	98	108	62	66	34	66	19	126	55	11

FONTE: Jornal consultado no Arquivo Pessoal de Américo Martins Filho.

Para rastrear as ações dos estudantes de Montes Claros, utilizamos principalmente o Jornal do Norte que, ao longo da década de 1980, publicou diversas matérias e notícias a respeito do assunto. As entrevistas realizadas com partícipes do movimento revelam uma miscelânea de posicionamentos e sociabilidades construídas entre o movimento estudantil e a

imprensa. Marcos Fábio Martins de Oliveira, presidente do DCE em 1987, em entrevista sobre a relação ME e imprensa, disse que

*o DCE estava sempre presente na imprensa né. A imprensa de Montes Claros sempre teve uma receptividade muito boa para com o movimento estudantil. Grande parte dos jornalistas foram estudantes ou é tinha simpatia pelo movimento estudantil e, então, as coisas eram bem repercutidas em termo de reportagem pelo DCE.*¹⁸

Marcos Fábio de Oliveira comentou que, na sua gestão de 1987, eles sempre estavam em busca da imprensa, já que o número de funcionários da mesma era pequeno e para eles aparecerem nos jornais tinham de “correr atrás”. A existência de estudantes e ex-estudantes da FUNM que trabalhavam na imprensa facilitava a publicação de notícias do movimento. Marcos Fábio Oliveira também era estudante do curso de Economia da FADEC e independente – não possuía ligação partidária –, como se dizia na época. Tal fato facilitava uma maior receptividade para divulgação de suas idéias.

Já Eurípedes Xavier, presidente do DA-FaFil em 1988, indica relações diferentes ao afirmar que a imprensa apenas se abria ao ME em um fato que fosse de interesse e impacto social, como o caso da luta contra a vinda do depósito de lixo atômico para Montes Claros. Ele sublinha que, pelo fato de que o processo democrático no Brasil ainda fosse incipiente, assim como os riscos à ordem institucional ainda existissem,

*a grande parte da imprensa. Ainda via no movimento estudantil um certo Q de subversão, viam os dirigentes das entidades estudantis, de certo modo, ainda como subversivos que podiam trazer algum risco à sociedade. E ela, portanto, se abria muito pouco para o que o movimento estudantil fazia. Sempre foi uma relação de certa dificuldade entre o movimento estudantil e a imprensa.*¹⁹

Os líderes estudantis expressam posições diferentes quanto à cobertura da imprensa. Eurípedes Xavier era um estudante de posições esquerdistas, filiado ao PC do B, partido do qual é, hoje, presidente no norte de Minas Gerais e sob cuja sigla foi eleito para vereador de Montes Claros por vários mandatos. Desse modo, a tabela acima, com o rastreamento de alguns dos tipos de textos publicados no Jornal do Norte sobre o movimento estudantil serve como subsídio para compreender o panorama do período.

¹⁸OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

¹⁹XAVIER, Eurípedes. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

Comparando o número de textos publicados em 1987, ano da gestão de Marcos Fábio, com o ano da gestão de Eurípedes Xavier em 1988, percebemos um maior número no primeiro ano citado. Com relação ao Jornal do Norte, é perceptível, por meio até mesmo das notícias publicadas, que, quanto maior fosse o conhecimento e contato de pessoas que trabalhavam nos periódicos, bem como o não envolvimento do diretório com grupos e partidos afinados ao discurso esquerdista, maior poderia ser o número de publicações. No caso da gestão de Marcos Fábio Martins de Oliveira, é notória a maior efervescência no DCE quanto à participação estudantil, bem como a preocupação em aparecer na imprensa para divulgar as ações do ME universitário.

Os jornais que circularam na cidade nos anos 80, a saber, o Jornal do Norte, o Jornal Diário de Montes Claros e o Jornal de Montes Claros, muito colaboraram para a estruturação e divulgação das ações estudantis. As diversas lutas e bandeiras que o movimento estudantil empunhou ganharam as páginas da imprensa montesclarenses. Não apenas as passeatas foram divulgadas, mas também os diversos eventos culturais e esportivos, as chamadas de eleições das entidades, dentre outras notícias.

No entanto, não apenas foram editadas notícias que construíam percepções e memórias positivas do movimento estudantil, mas também reportagens depreciativas e negativas. No Jornal do Norte, é perceptível o número de notícias que diziam respeito a questões internas ao movimento estudantil, como a partidização, dentre outras. A tabela também mostra que, no início da década de 1980, em especial nos anos de 1980 e 1981, apareceu um número maior de notícias referentes ao meio estudantil, o que indica que esse período foi um momento de tentativa de retomada do ME na cidade. De 1980 a 1983, houve um número considerável de publicações a respeito da retomada das ações estudantis – grande parte das notícias referentes ao Diretório dos Estudantes de Montes Claros-DEMC (movimento secundarista) no início dos anos 80 foi de críticas e denúncias de corrupção. Desse modo, esse início de década foi marcado não somente pela retomada, mas pela reestruturação interna do ME. Começou-se a discutir cada vez mais a esfera interna para haver tal retomada.

No ano de 1984, houve uma diminuição considerável do número de notícias, o que é estranho, pois se tratava do período da luta pelas diretas. O fato pode ser explicado, pois os meses de abril, maio e junho do referido jornal não puderam ser disponibilizados para consulta, visto que estão em péssimo estado de conservação. Por meio da tabela, percebemos que, com o fim da ditadura militar, houve uma diminuição do número de textos, sendo somente no ano de 1987, na gestão de Marcos Fábio de Oliveira no DCE, que houve uma

aparição maior do ME. O fazer-se do movimento vai ocorrendo com a renovação constante dos quadros estudantis, entre idas, vindas, recuos, acomodações e deslocamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. In: FENELON, Déa Ribeiro (Orgs) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olhos D'água, 2004.

CALEIRO, Regina Célia; PEREIRA, Laurindo Mékie. (Orgs). *Unimontes: 40 anos de história*. Montes Claros: Unimontes, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Seminários. O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CRUZ, Heloísa de Faria e. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo: EDUC FAPESP, 2000.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa, 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro (Orgs). *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004, p.14-40.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar, 1964-1968*. Campinas: Papirus, 1987.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. [et all]. *Formação econômica e social do norte de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: o diálogo é a violência. movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Zahar. Rio de Janeiro: 1979.